



GT 2: INCLUSÃO E DIVERSIADDE NA EDUCAÇÃO

LÍNGUA INGLESA - INCLUSÃO E SUBJETIVIDADE

Ana Sofia Barreto Tavares, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Milliane Cardozo Lins, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Rebeca Virginia de Oliveira Chagas, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Vitória Regina Padilha Duarte, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

RESUMO

A presente pesquisa¹ tem como objetivo um questionamento a respeito do ensino tradicional da Língua Inglesa (LI), os desafios encontrados pelos docentes desta área, e as dificuldades de aprendizado por parte dos alunos, buscando alternativas para melhoria dessas dificuldades, visando um melhor aproveitamento por parte dos estudantes. A metodologia utilizada foi a qualitativa, utilizando a plataforma Google Acadêmico, configurada para trabalhos de 2020 a 2025 nas três primeiras páginas. Onde tivemos como resultado reflexões a respeito das dificuldades no ensino da LI, e possíveis métodos de melhoria do ensino. Fomentando futuras discussões e aprofundamento no tema. Concluindo que é necessária uma modernização no sistema de ensino, para que haja um melhor aprendizado para os alunos.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Ensino; Estudantes; Docentes; Ensino tradicional

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge de uma indagação a respeito do ensino da Língua Inglesa no Brasil, a partir de suas dificuldades não só para os docentes, mas também para os alunos. Tem como objetivo o olhar crítico a respeito das didáticas utilizadas, como também da inclusão ou sua ausência em sala de aula para todos os alunos, propondo uma reflexão sobre o ensino da Língua Inglesa – inclusão e subjetividade.

¹*Trabalho orientado pela professora Elaine Daroz, Universidade Católica de Pernambuco.

METODOLOGIA

O método utilizado foi o qualitativo, uma vez que busca levantar informações contidas em trabalhos recentes a respeito do ensino da LI no Brasil. Utilizou-se a plataforma Google Acadêmico, para localizar trabalhos² dos últimos 5 anos, buscando encontrar metodologias, resultados e principalmente as principais questões levantadas e discutidas a respeito do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O foco principal da discussão é sobre a inclusão total em sala de aula, o uso de ferramentas didáticas para o melhor funcionamento e aprendizagem dos alunos, ou seja, o multiletramento, que foi definido como “As práticas pedagógicas que utilizam os multiletramentos valorizam a diversidade linguística e cultural dos alunos, promovendo um aprendizado que conecta o inglês com o contexto local e com as experiências de vida dos estudantes”, ou seja, as diversas práticas empregadas em sala de aula, visando um maior entendimento e comprometimento dos discentes, para que o aprendizado seja mais eficiente e eficaz.

Isso contribui para que o ensino de inglês seja mais inclusivo e significativo, refletindo as vivências dos alunos e suas realidades culturais (Souza, 2020)”. Isso é definido também no termo da Língua Franca, onde se diferencia da Língua Estrangeira pois busca que o aluno não seja apenas um “turista linguístico”, mas seja um cidadão incluído no meio e entendendo, não apenas gramatical, mas aprendam cultura e experiências , onde a língua é sua aliada e não sua inimiga.

No Brasil apesar de ser necessário a licenciatura em Letras – Inglês para docência em escolas regulares, muitos professores não cumprem esse pré-requisito, fazendo apenas um curso de inglês e não a licenciatura propriamente, muitas vezes

² Foram escolhidos 4 trabalhos: “O ensino de Língua Inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios” da revista SciElo; “O ensino da Língua Inglesa no Brasil” da revista Saber unioeste; “ A perspectiva do Inglês como língua franca como agente de decolonialidade no Ensino de Língua Inglesa” da revista A Cor das Letras; “ Inclusão e diversidade no Ensino de Língua Inglesa: Práticas e Perspectivas – Uma (Re) leitura” da revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação – Rease.

aprendendo com o próprio material didático na sala de aula, não estando apto para a docência.

Em contraponto há também aqueles que possuem a formação, mas não possuem métodos de ensino ativo, o que pode ser prejudicial para os alunos, uma vez que não prende sua atenção, sendo de difícil foco é difícil aprendizagem, muitas vezes esse tipo de abordagem gera um certo desinteresse por parte dos estudantes, podendo inclusive gerar um futuro bloqueio em relação a língua, criando um “muro” entre aquele sujeito (aluno) e o aprendizado.

Esse tipo de abordagem é fruto de uma herança de um modelo de ensino que já caiu em obsolescência, porém ainda é bastante utilizado por alguns professores, que não buscam se modernizar para se aproximar dos alunos e facilitar sua aprendizagem.

Outro ponto levado em consideração foi a dificuldade encontrada pelos docentes dentre as quais foram destacadas as seguintes: a superlotação nas salas de aula, que limita o tipo de abordagem que o professor consegue utilizar, na maioria das vezes sendo utilizada a metodologia tradicional.

Outro problema é o tempo em sala de aula, onde o docente precisa primeiro “acalmar” a sala para então começar o conteúdo, muitas vezes restando apenas 30 minutos de aula.

Mais um ponto é a falta de apoio entre: direção – docência – família, onde o produto final é a dificuldade do aprendizado, em muitos casos os alunos têm que estudar sozinhos, sem apoio em casa, o que mais uma vez dificulta a melhor aprendizagem, assim como a falta de incentivo e de material por parte da direção que também é um fator que complica esse processo.

O modelo tradicional de ensino da Língua Inglesa (LI) é voltado para a gramática e leitura, enquanto normalmente é mais utilizada a linguagem oral, uma vez que os nativos não tem como base a literatura ou gramática, mas sim o modo de comunicação, um exemplo muito claro é o ensino de português para uma criança brasileira, ela aprende primeiro com o contato da língua , com a escuta, para depois aprender as regras, no entanto o método tradicional de LI é focado logo para o estudo de regras, mais uma vez gerando um certo bloqueio, entre a língua e o sujeito. Levantando inclusive dificuldade até mesmo para os docentes, uma vez que cobram

muito o inglês “perfeito”, porém esse não existe, os professores se distanciam da língua, já que não há esse sentimento de identidade na gramática.

Desse modo, como resultado temos não a conclusão dessa discussão, mas uma reflexão a respeito das dificuldades que podem ser encontradas no processo de aprendizagem e uma possível solução para ela que seria uma melhor e linear formação para os docentes, assim como metodologias modernas, que visam a aproximação entre o aluno e a matéria. Visando a final o total aprendizado do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim essa pesquisa não tem como objetivo a finalização do tópico, muito pelo contrário, visa fomentar pesquisas a respeito do tema e futuras discussões, uma vez que o tema ainda não é muito explorado, porém é de grande relevância, onde busca melhores métodos de ensino para a melhor aprendizagem dos alunos, saindo da metodologia tradicional e indicando o multiletramento, buscando a individualidade do aluno e uma melhor maneira de conquistá-lo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Polyanna Castro Rocha; SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel. *A perspectiva do inglês como língua franca como agente de decolonialidade no ensino de língua inglesa* . A Cor das Letras, Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 169-181, maio/ago. 2020. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/360307211>.

SILVA, Flavia Matias da. *O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 58, n. 1, p. 158–176, jan./abr. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tla/a/4xfG8MrF5LPr6bP78G5z65h/?lang=pt> .

POLIDÓRIO, Valdomiro . *O ensino de língua inglesa no Brasil* . Travessias, Cascavel, v. 8, n. 2, p. e10480, 2014. Disponível em:
<https://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10480/7838> .

Souza, M. X. R. de, & Coutinho, D. J. G. (2025). *INCLUSÃO E DIVERSIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: PRÁTICAS E PERSPECTIVAS - UMA (RE)LEITURA*. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação* , 11 (4), 2524–2538. <https://doi.org/10.51891/rease.v11i4.18863>